

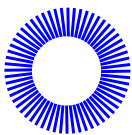
Um museu afro para a Colômbia

Carlos
Diazgranados

Programa Fortalecimento
de Museus

Museo Nacional
de Colombia

Colômbia



Introdução

O projeto do Museo Afro¹ dá início ao caminho para a criação de uma instituição nacional de base comunitária espalhada por diferentes territórios do país e construída por meio da participação e da cocriação com diversas populações. A cidade de Cali será a sede dessa instituição cultural baseada num conceito amplo de território e comunidades, que estabelece uma rede por meio dos processos comunitários realizados até o momento em 22 municípios de diferentes áreas geográficas da Colômbia.

Uma das principais referências conceituais e jurídicas para esse projeto de museu é a promulgação da Lei 70 de 1993 ou Lei das Comunidades Negras,² legislação colombiana que reconhece a propriedade coletiva da terra das várias comunidades afro-colombianas que historicamente habitaram os territórios em toda a extensão do país. O espírito dessa lei baseia-se num princípio fundamental da cultura negra, o da propriedade coletiva da terra. Essa disposição promove o reconhecimento de uma realidade cultural, uma autonomia sobre as tradições e um empoderamento da história das populações

afrodescendentes, além de incentivar a organização social e a tomada de decisões relevantes sobre seu território e suas comunidades.

Além disso, essa iniciativa do projeto do museu é o resultado do diálogo entre o Estado colombiano e as diferentes comunidades no contexto de projetos como a Década Internacional dos Afrodescendentes (2015-2024), proclamada pela Assembleia Geral da ONU, com o objetivo de unir vontades e esforços institucionais nos diferentes países membros e adotar medidas para o reconhecimento e o gozo efetivo dos direitos das pessoas afrodescendentes. No âmbito dessa década, foram adotadas medidas de reconhecimento, como a designação do dia 21 de maio como o Dia Nacional do Afro-Colombianismo e maio como o Mês da Herança Africana na Colômbia, entre outras disposições.

Desde 2021, esse projeto cultural vem se consolidando em prol do desenvolvimento e da promoção de espaços de memória e reflexão sobre as histórias, as lutas e a vida atual das comunidades negras, afro, *raizales* e *palenqueras* na Colômbia. O Ministério da Cultura desenvolveu a gestão e as contribuições para o planejamento e a implementação do projeto do museu por meio do trabalho de uma equipe interdisciplinar formada por funcionários do Museo Nacional de Colombia e do “Programa Fortalecimiento de Museos”, que também conta com o apoio da Secretaria de Cultura de Cali, órgão gestor da política cultural da cidade, que deverá garantir a posterior operação e manutenção do museu.

¹ <https://museoafro.gov.co/>

² Artigo 1: “O objetivo desta lei é reconhecer o direito à propriedade coletiva para as comunidades negras que vêm ocupando terras não cultivadas nas áreas rurais que margeiam os rios da Bacia do Pacífico, de acordo com suas práticas tradicionais de produção, em conformidade com as disposições dos artigos seguintes. Também visa estabelecer mecanismos para a proteção da identidade cultural e dos direitos das comunidades negras da Colômbia como um grupo étnico e a promoção de seu desenvolvimento econômico e social, a fim de garantir que essas comunidades obtenham condições reais de igualdade de oportunidades com o restante da sociedade colombiana”.



Um dos objetivos fundamentais do Museo Afro de Colombia é estimular uma reflexão necessária sobre o passado, provocar uma mudança no presente – aqui e agora – e ajudar a construir um futuro diferente em que o racismo e a exclusão sejam minimizados a ponto de desaparecerem. Para um país profundamente racista e excludente, esse é um espaço “urgente”, conforme solicitado pelas pessoas nos vários espaços participativos que o projeto gerenciou na Colômbia.

Contexto geral e referentes dos museus

O empreendimento colonial europeu construiu toda uma infraestrutura para escravizar populações inteiras de vários grupos étnicos no continente africano. Assim, os escravizados construíram cidades e fortalezas e extraíram ouro dos rios, um metal precioso que favoreceu o desenvolvimento da Europa. Entretanto, o comércio transatlântico de pessoas escravizadas da África para a América foi um empreendimento que hoje é reconhecido como um crime contra a humanidade. Os africanos nas colônias eram considerados propriedade e não pessoas com direitos, algo que até hoje tem um impacto sobre as populações afrodescendentes que se reflete culturalmente na invisibilização, no racismo e na exclusão. Historicamente, têm sido excluídos do discurso da identidade nacional, assim como suas contribuições culturais, políticas e econômicas para as sociedades. Em nosso país, as lutas das comunidades afro-colombianas pela dignidade humana continuam a ser subestimadas.

Durante anos, na Colômbia, houve lutas políticas por liberdade, reconhecimento, diversidade étnica e cultural, valorização do legado afro-colombiano, reparação simbólica e construção de suas próprias histórias a partir da enunciação das diversas comunidades afro-colombianas. Este projeto de museu ocorre dentro da estrutura dessas iniciativas e demandas históricas.

Na Colômbia, foram empreendidas ações para alcançar esse reconhecimento e abertura para o estudo das questões afro-colombianas em programas governamentais, projetos de literatura, programas de bibliotecas temáticas, resgate de arquivos étnicos, promoção de grupos de pesquisa, desenvolvimento de museus, exposições e a revisão de projetos existentes, e a criação ou consolidação de organizações da sociedade civil que promovem processos de resgate e reconhecimento por meio do ativismo em processos étnicos, entre outras iniciativas.

Um Museo Afro para Colombia é a oportunidade de construir e narrar além da maneira como a história oficial tem sido tradicionalmente contada pelas «elites coloniais espanholas ou pelas elites colombianas espanholas», como as chama o pensador Juan de Dios Mosquera (2019). As elites colombianas são herdeiras dessa continuidade na administração não apenas do poder político e econômico, mas também do poder simbólico. Essas elites originaram a escravidão e deram tratamento desumano àqueles que não eram considerados sujeitos sociais, de modo que não podiam fazer parte da história, nem participar, nem ter direitos, entre outras privações. Elas herdaram recursos dos processos de escravidão que alguns ainda usam hoje em seu próprio benefício.

Portanto, esse museu é um projeto formulado com o objetivo de reconstruir e tornar visíveis as histórias, as resistências e as realidades sistematicamente silenciadas das comunidades afro-colombianas, bem como as lutas por direitos, como ter uma vida digna, trabalho e igualdade perante a lei e o Estado, e especialmente um reconhecimento e uma valorização efetiva de suas contribuições para a construção do país e de suas diversas identidades.

Na Colômbia, há precedentes de museus com temas afro em diferentes geografias e, em grande parte, liderados por comunidades, em espaços culturais como a Casa



museo “Simankongo” em San Basilio de Palenque, Bolívar; a Casa de la Memoria del Pacífico Nariñense em Tumaco, Nariño; o Museo Mulaló em Yumbo, Valle del Cauca; o Centro de Memoria Afrodiaspórica Muntú Bantú em Quibdó, Chocó; o Museo Etnopedagógico Comunitario del Alto San Jorge “Palenque De Uré” em Córdoba, ou o Museo Afromóvil Elías Clemente López Torres em Medellín, para citar apenas alguns. Esses são projetos com metodologias às vezes participativas que incluem a cocriação e que colocaram os cidadãos afro, negros, *raizales* e *palenqueros* no centro da prática museológica com base na participação, transparência e acessibilidade como eixos que levam a um projeto não hegemônico em suas formas de fazer as coisas para dar viabilidade às ideias, desejos, sonhos e experiências de populações historicamente excluídas. Esses museus têm sido, em geral, iniciativas cidadãs, privadas e comunitárias que transcendem as narrativas e estéticas oficiais que, às vezes, apresentam o componente afro-colombiano apenas como “contribuições” e não como “pilares” da sociedade colombiana.

As experiências de museus internacionais, como o National Museum of African American History & Culture (Museu Nacional de História e Cultura Afro-americana) do Smithsonian Institute, em Washington, EUA; a exposição itinerante *The Kinsey African American Art & History Collection (Coleção Kinsey de Arte e História Afro-americana)*, EUA; o Apartheid Museum (Museu do Apartheid), em Johannesburgo, África do Sul; o Völkerkundemuseum der Universität Zürich (Museu Etnográfico da Universidade de Zurique), Suíça; o Museo Afroperuano de Zaña, Peru; o Museu Afro Brasil, em São Paulo, ou o Museo Nacional del Latino Estadounidense entre outros, também são reconhecidos e usados como referências essenciais.

A participação comunitária

O Museo Afro de Colombia foi projetado como um museu vivo e dinâmico que nunca termina de ser planejado ou

construído, tendo como centro o diálogo, as manifestações culturais e as atividades comunitárias. Sua essência é ser um espaço flexível e de longo prazo que permita que as pessoas se sintam em casa. É uma entidade cultural com um espírito profundamente colaborativo, inclusivo e participativo.

A partir do projeto e de sua abordagem participativa, entende-se que o mundo afro na Colômbia é diverso e contempla particularidades associadas às regiões geográficas do Pacífico, do vasto Caribe, das planícies orientais, das selvas, entre outras. Múltiplas presenças comporão esse museu que será, ao mesmo tempo, muitos museus e um museu para todos, e que tentará assegurar que ninguém fique de fora.

Esse projeto está firmemente enraizado em processos de cocriação, com uma abordagem participativa em suas diferentes fases e reuniões regionais com as comunidades negra, afro, *raizales* e *palenqueras* do país. Com as informações coletadas e sua posterior sistematização, o objetivo é ampliar a voz das populações que são a base para a criação dos documentos e planos de orientação do museu, bem como para a definição de sua abordagem e linhas de ação.

Algumas das estratégias que foram desenvolvidas a partir da abordagem colaborativa são grupos focais, workshops e entrevistas. Esses “encontros” são espaços de diálogo concebidos com base nas características da comunidade com a qual estamos trabalhando no momento; portanto, os temas e as metodologias de interação são dinâmicos e se adaptam a diferentes contextos.

O trabalho aqui se baseia no autorreconhecimento das histórias, no resgate de memórias e geografias, nas contribuições culturais ancestrais e atuais, nos saberes particulares, na identificação das condições socioeconômicas da comunidade, na descrição de necessidades, expectativas, desejos, reivindicações e demandas históricas, bem como nas discussões sobre a pertinência ou não de uma entidade museológica, nos



conceitos amplos de patrimônio, entre outros temas que surgem organicamente.

Os laboratórios de cocriação proporcionam um espaço de interação com perguntas e dispositivos que desencadeiam a ação do público e dos visitantes com atividades que buscam a participação efetiva como eixo fundamental, a fim de questionar e mapear os lugares de memória das comunidades; reconhecer histórias e depoimentos que compõem as identidades diversas e dinâmicas destas; desenvolver coletivamente o que pode ser um museu e investigar os objetos e depoimentos ou histórias que poderiam fazer parte das coleções e ser entendidos como dispositivos necessários para ativar conversas.

Os grupos focais e os laboratórios de cocriação fazem parte do planejamento preliminar do museu e têm sido a base para a construção, de forma participativa e coletiva, da estrutura inicial do plano museológico com base nas contribuições de algumas das comunidades afro-colombianas do país e com o objetivo de pensar a futura entidade a partir das experiências, conhecimentos e histórias dos coletivos sociais.

Até o momento, a consulta local alcançou 22 municípios em 10 departamentos de quatro regiões do país. No total, foram realizados três laboratórios de cocriação, como exposições de protótipos, com duração de um mês; 39 grupos focais com diferentes comunidades e temas; 18 entrevistas em profundidade e seis oficinas com crianças e jovens.

Após a análise das informações coletadas nas atividades de participação e consulta, há algumas linhas iniciais de pesquisa que têm sido recorrentes: conflito armado e violência política; resistência e organização social; desenvolvimento, economia e meio ambiente; expressões culturais e artísticas; perspectivas diferenciadas e inclusivas (gênero, etnoeducacional, territorial); invisibilidade, exclusão e racismo; histórias,

relatos e conhecimentos ancestrais, entre outros temas que podem surgir na sistematização posterior e na participação efetiva.

Qual é a situação do museu e o que está por vir?

O projeto está iniciando a fase de pesquisa e projeto museológico, caracterizada por processos de cocriação e pela abordagem participativa mencionada acima. Propõe-se realizar a validação inicial com as comunidades que têm apoiado o processo em torno aos avanços iniciais na criação do índice e da estrutura base de um Plano Museológico, com o objetivo de planejar as funções e os programas para o desenvolvimento e o funcionamento da entidade.

Os insumos resultantes das metodologias de participação visam alimentar as curadorias e pesquisas comunitárias, a partir da criação coletiva, conjunta e consensual com a qual se pretende desenvolver o plano museológico, o roteiro e os componentes estruturantes do projeto. Nesta fase, o objetivo é sustentar os diálogos já iniciados e divulgar o trabalho de criação colaborativa em novas regiões, departamentos e municípios do país onde o projeto ainda não chegou, territórios que manifestaram sua intenção de participar do processo e apoiá-lo a partir de comunidades afro-colombianas com características sociais e culturais diversas.

Esse museu também é projetado como o epicentro da criação da Rede de Museus Afro-colombianos, negros, *raizales* e *palenqueros*, um grupo que integraria instituições museológicas relacionadas à temática afro-colombiana no país para promover seu fortalecimento e profissionalização e, principalmente, mostrar sua experiência; construir iniciativas conjuntas para o reconhecimento, a ressignificação e o legado *raizal* e *palenquero* afro-colombiano, e expor seus componentes atuais e dinâmicos do ponto de vista cultural. Também busca promover uma escola “afromuseológica” que



entenda que esta primeira sede do Museo Afro de Colombia se projeta como uma plataforma para estabelecer vínculos para um projeto comum comunitário, participativo e amplo para transformar o país e fornecer ferramentas para o desenvolvimento do empoderamento do trabalho das comunidades com os museus.

O Museo Afro de Colombia é um projeto que identifica sua origem na transformação histórica pela qual passou o Estado colombiano desde a Constituição de 1991, que reconhece o país como diverso, pluriétnico e multicultural. É com base nisso que esta instituição está vinculada a conceitos e políticas culturais que favorecem a construção coletiva, dando a palavra, a escuta ativa e a participação efetiva, absoluta e contundente das comunidades, bem como a defesa da vida. Isso é relevante porque o desenvolvimento do Museu em suas fases de materialização ocorre num momento em que as comunidades afro-colombianas, *negras*, *raizales* e *palenqueras* estão tendo uma participação política fundamental no contexto histórico atual.



Referências

Ley 70 de 1993, de Comunidades Negras. 31 de agosto de 1993. *Diario Oficial* n.º 41.013. <https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2006/4404.pdf>

Mosquera, J. de D. (2019, junho 7). *La historia NO CONTADA de la comunidad AFRO en COLOMBIA*. [Vídeo] Señal Colombia. <https://www.youtube.com/watch?v=OYTS3c1Z3sE&t=22s>